



Cores do Sul

Causos gauchescos e arco-íris de infância

Falecido em julho, Trindade Leal fez de sua formação campeira o tema e o substrato filosófico de sua arte, em pintura e xilogravura

por
JOSÉ FRANCISCO ALVES

Doutor em História da Arte

No alto, "Sem Título" (1956), a xilogravura em preto e branco "Doma" (1964) e a pintura "Ginete" (1955). Abaixo, o óleo "Galpão do Mago Verde" (1976): trajetória de Trindade Leal uniu temática campeira e inquietação formal

Hoje completaria 86 anos o pintor, gravador e desenhista Geraldo Trindade Leal, falecido em 28 de julho último. Nascido em Santana do Livramento, em 1927, ele foi um importante expoente da arte moderna gestada no Rio Grande do Sul. Paradoxalmente, constituiu-se como um autêntico gaúcho da fronteira nômade, de ideias artísticas universais recheadas de sentimentos telúricos.

Seus passos, suas idas e vindas, infelizmente carecem de maiores dados concretos e investigações acadêmicas. Em se tratando de um nome básico para a compreensão do fenômeno moderno no seio da arte sul-rio-grandense, resta praticamente único o conhecimento atual do artista a partir de uma análise mais geral de sua obra feita por Marilene Pietá, em seu livro *A Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul* (1995). Está aí, portanto, mais um artista chave que necessita de uma biografia (vida e obra), ficando aqui a dica para os numerosos pesquisadores

dos bancos da pós-graduação em arte das universidades gaúchas.

O pouco que se sabe é que Trindade Leal foi criado em Livramento, onde sua família possuía uma propriedade rural, em cuja lida campeira habituouse. Em 1947, ele já se encontrava na — um pouco mais aberta — Porto Alegre pós-guerra e pós-ditadura; no ano seguinte, emigrou com os pais para a cosmopolita São Paulo. Possivelmente, aqui ele já tivesse uma inclinação a ser artista, cujo contato com a arte paulistana o tenha feito decidir pela carreira, motivo pelo qual voltou para estudar no então Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Porém, não foi aceito como acadêmico e passou a frequentar as aulas livres de desenho do mesmo IBA, com o seu primeiro "mestre", Benito Castañeda, pintor espanhol radicado na capital gaúcha.

Logo em seguida, voltou para São Paulo, onde julgava encontrar mais oportunidades em arte. Em 1953, em mais um de seus movimentos migratórios, mudou-se para Salvador, onde chegou a trabalhar com Mário Cravo Júnior, colaborando na realização de alguns dos painéis desse conceituado artista soteropolitano. Embora ele já viesse expondo desde 1950, é somente a partir daquela experiência baiana que inicia a formação do primeiro dos três esteios da sua produção característica, na qual onde se identificam as suas contribuições particulares à história da arte.

Ao trabalhar na fixação dos temas baianos, deu-se conta de toda a riqueza cultural que tinha em suas raízes de fronteira da Campanha. Por essa razão, em 1954, ele voltou à fazenda em Livramento e se pôs a trabalhar "feito louco", como disse em entrevista para Antônio Hohlfeldt



(1976), em desenho, pintura, e no labor de estância propriamente dito. Surgiu assim, a sua expressiva pintura de características cubistas, num "esquema picassiano" conforme apontou Marilene Pietá, exemplificado na pintura *Ginete* (1955). Desse modo, suas obras passaram a retratar exclusivamente temas gauchescos.

A segunda produção característica foi por meio da gravura e do desenho. Na xilogravura, o início ocorreu em 1957, pelo encantamento que teve com as gravuras de Xico Stockinger, que o orientou informalmente nas técnicas dessa arte. Xico acabou sendo o segundo "mestre" de Trindade Leal, que passava a produzir agora numa arte de reprodutibilidade — e somente em preto. Essa produção deu sequência à temática guasca, acrescentando à ela um verniz "popular e apaixonado", numa espécie de "expressionismo surrealizante", de linguagem "ingênua", conforme observou Carlos Scarinci em *A Gravura no Rio Grande do Sul: 1900 – 1980* (1982).

Sua xilogravura acabou sendo o pri-

meiro dos tantos álbuns famosos organizados pelo editor argentino radicado em São Paulo, Julio Pacello, em 1964. O texto dessa edição com 10 gravuras foi escrito pelo crítico Paulo Mendes de Almeida, que comparou Trindade Leal a um típico "contador de causos gaúchos", "que não com a fala mas com suas imagens gravadas desenrola a saga das estâncias escarpadas do Sul".

A terceira marca distintiva do artista surgiu em 1975. Naquele ano, ele abandonou um longo período de predominância do "trabalho em preto" (desenho e gravura). Seus óleos e aquarelas passaram a apresentar o "desdobramento do arco-íris" das lembranças de sua infância e adolescência, sob a volta do "prazer lúdico" de criar e recriar, para que a vida não fosse "tediosa". Expressava-se, assim, o menino interior, como dizia: "A criatividade nasce menina. Brincar, desenhar é criatividade. Em pequeno, quem não brinca não cria. O menino ali surge como símbolo, algo transformado, quase me termos de jogo. Tem muito de mágico", disse, em entrevista de 1976.

Depois de fixar-se definitivamente em São Paulo, no final da década de 1950, é importante ainda registrar que o artista trabalhou também com cenografia de TV e teatro, em artes gráficas e ilustrações. Mesmo sem ter curso superior, por sua excelência artística lecionou em universidades. Em 1966, foi professor de gravura na FAAP e frequentaram suas aulas artistas como o pintor paulistano Dudi Maia Rosa. Finalmente, em 1975, julgou necessário parar de lecionar como profissão e passou a dedicar-se somente à arte.



Diagramação: Norton Voloski